

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT03.009](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT03.009)

POR UMA ESCOLA ANTIRRACISTA: TECENDO MEMÓRIAS DAS CAROLINAS NO QUARTO DE DESPEJO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Francisca Márcia Costa de Souza

Mestra em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, e-mail: francisca.souza@ifma.edu.br.

RESUMO

Carolina Maria de Jesus estreou, em 1960, na cena literária brasileira com o meteórico livro Quarto de Despejo. Com a percepção aguçada sobre as estruturas de opressão e racismo que constituíam e seguem constituindo a reificação das mulheres pretas em um contexto reiterado de conquista e dominação, passados sessenta anos da estreia de seu Magnum Opus, o mesmo ecoou potente entre estudantes, professores e a comunidade externa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (Ifma), através da peça teatral Carolinas no Quarto de Despejo, que ficou em cartaz na Instituição entre 2017 e 2020. Neste sentido, o objeto deste estudo é a peça teatral escolar “Quarto de Despejo”, escrita com o afã de remover a trava de silenciamento que caíra sobre Carolina Maria de Jesus e sua obra-prima, a peça almejou evidenciar o racismo e as múltiplas formas de discriminação presentes na escola. Além disso, objetivamos com a peça organizar estratégias antirracistas e produzir argumentos face à permanente disputa no campo das questões de gênero na escola. Metodologicamente, esta pesquisa básica, de objetivo exploratório e de abordagem qualitativa atravessa os meandros do lembrar, do esquecer e do silenciar, que são próprios da memória, baseando-se em teóricas como Angela Davis (2016), Conceição Evaristo (2020; 2005), Djamila Ribeiro (2017), Ecléa

Bosi (1994), Germana Sousa (2012), Jéssica Dias (2008), Rafaella Fernandes (2019) e Sueli Carneiro (2003). Neste aspecto, as hierarquias de gênero e raça denunciadas no diário de Carolina foram desamoraçadas pelas personagens da peça “Carolinas”, no plural: a “Escritora”, a “Mãe”, a “Militante” e a “Trabalhadora”, encenadas por aprendentes do Ifma. Pretensiosamente, a “Carolina Mãe” é encenada por um menino branco, que simboliza a opressão que os pretos sofreram em seu processo de escravização nas Américas. Em decorrência disso, como resultados preliminares, evidenciamos as múltiplas violências de gênero que até hoje escritoras pretas sofrem, como o amordaçamento literário, a título de ilustração; o silenciamento sobre raça e gênero na escola. Concluímos que infelizmente ainda não são suficientemente conhecidas as escritoras pretas brasileiras e que as questões de gênero que atravessam a luta antirracista são igualmente ainda deslegitimadas na escola, impondo-nos, como educadoras e educadores, o trabalho de friccionar a perspectiva dos feminismos pluraes nos quais o gênero se apresenta reluzente como variável teórica oportuna.

Palavras-chave: Escola Antirracista, Memória, Questões de Gênero, Carolina Maria de Jesus, Quarto de Despejo.